

DO *PATHOS* RETÓRICO À 'EMPATIA RABATELIANA': ARGUMENTAÇÃO EMOCIONADA EM TEXTOS/ DISCURSOS POLÊMICOS

FROM RHETORICAL *PATHOS* TO 'RABATELIAN EMPATHY':
EMOTIONAL ARGUMENTATION WITHIN POLEMICAL TEXTS/DISCOURSES

Rosalice Pinto*, Suzana Leite Cortez**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar de que forma é materializada linguisticamente a *argumentação emocionada* em textos que circulam nos *media* sobre um tema de natureza polêmica: *discriminação* nas Artes. Para atingir esse objetivo, serão identificados os pontos de vista (PDV) (RABATEL, 2013 a e b, 2017) em circulação nos textos e sua semiotização linguística. Estudos preliminares atestam que as representações dos PDVs identificados mostram a empatia e o teor emocionado dos textos analisados, contribuindo para que o texto cumpra a sua visada argumentativa (AMOSSY, 2012).

Palavras-chaves: Empatia. *Pathos*. Ponto de Vista (PDV). Argumentação, Emoção.

ABSTRACT

This paper aims at studying how is linguistically materialized the emotional argumentation in texts that circulate in the media about a polemic theme: discrimination in the Arts. In order to achieve this objective, the points of view (PDV) (RABATEL, 2013 a e b, 2017) present in the texts and their linguistic semiotization will be identified. Preliminary studies attest that the representations of the PDVs show the empathy and the emotional content of the analyzed texts, contributing to attain the argumentative goal of the text (AMOSSY, 2012).

Key-words: Empathy. *Pathos*. Point of View (PDV). Argumentation, Emotion.

* Doutora em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa e Pós-Doutora pela Université de Genève e Universidade Nova de Lisboa/ Investigadora do Centro de Investigação sobre Direito e Sociedade da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

** Doutora em Linguística pela UNICAMP com Pós-Doutorado na Université Sorbonne Nouvelle Paris 3. Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

1 INTRODUÇÃO

A argumentação esteve relacionada, desde os estudos aristotélicos, à construção de raciocínios lógicos de natureza silogística. Contudo, no período pós segunda guerra mundial, com a publicação do *Tratado de Argumentação: a Nova Retórica* (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1988), os estudos sobre a argumentação vieram a sofrer, mais claramente, influências dos contributos da Retórica clássica. Dessa forma, o ato de argumentar, ao implicar a adesão do auditório à determinada tese, deveria estar implicitamente relacionado a fatores outros que contribuiriam para que determinado auditório *universal* ou *individual*, na acepção perelmaniana fosse persuadido. Começava assim a ser instaurado, a nosso ver, aquilo que denominamos *argumentação emocionada*. Essa acepção de argumentação, mais ampla, em que a emoção é um aspecto constitutivo importante, em função dos contextos em que é usada, será desenvolvida, mais recentemente, por vários teóricos, analistas de textos e discursos, como Plantin (2004, 2011), Micheli (2013), sobretudo nas interações verbais.

Face a esse contexto, este trabalho, que conjuga subsídios teóricos dos estudos retórico-argumentativos com os de uma abordagem enunciativo-interacional sobre a construção dos pontos de vista, tem como objetivo estudar de que forma é materializada linguisticamente a *argumentação emocionada* em textos que circulam nos *media* sobre temas de natureza polêmica.¹ Para tal, serão estudados, a partir dos pontos de vista (na acepção rabateliana) convocados nos textos, por diversos enunciadores, os modos de semiotização das emoções auto ou heteroatribuídas / auto ou heteroimplícitas (RABATEL, 2017) e o caráter empático a eles associado para a construção do que será denominado “argumentação emocionada”.

2 CONCEITO DE PATHOS

Como se sabe, advém da obra aristotélica, em especial da *Retórica*, as três provas definitórias da noção de discurso: o *logos*, o *ethos* e o *pathos*. O primeiro corresponde à estrutura dos argumentos apresentados pelo orador quando de sua produção; o segundo diz respeito à imagem que o orador transpõe de si para o seu discurso; o terceiro leva em consideração as emoções transpostas para o discurso pelo orador. Na verdade, essas três provas aristotélicas constituem aspectos basilares para que um discurso tenha ‘força’ e seja persuasivo junto a determinado auditório.

Para esta contribuição em especial, embora nos centremos na relevância da noção de *pathos*, mostrando as confluências que possam vir a existir com os estudos atuais sobre questões de responsabilidade enunciativa e empatia, não podemos deixar de ressaltar que o *pathos* interage com as outras provas, de forma dinâmica, no interior de discursos que objetivam a persuasão.

2.1 O PATHOS – PERCURSO HISTÓRICO

De acordo com os estudos aristotélicos (*Rhét.* II), a noção de *pathos* está relacionada a doze emoções, dispostas em pares. São elas: a cólera e a calma; a amizade e o ódio; o temor e a confiança; a vergonha e a gentileza; a piedade e a indignação; a inveja e a emulação. Na obra mencionada, a paixão é assim definida:

¹ Adotamos o conceito de *polêmica* adotado por Amossy (2016). Refere-se, aqui, ao debate sobre um tema de interesse público que diz respeito a questões com certo grau de importância numa determinada cultura.

Or la passion, c'est ce qui, en nous modifiant, produit des différences dans nos jugements et qui est suivi de peine et de plaisir. Telles sont par exemple, la colère, la pitié, la crainte et toutes les autres impressions analogues, ainsi que leurs contraires (Rhét. II, 1, 1378 a).

Nos estudos contemporâneos de base filosófica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988), embora não tendo se dedicado ao estudo do *pathos*, não deixam de relevar a importância do auditório para a construção da argumentação, característica básica da noção do *pathos* aristotélico. É em função dos interlocutores que participam da interação que são feitas as escolhas dos argumentos a serem utilizados no discurso. Em obra individual, inclusive, embora sem um estudo aprofundado, Perelman (1997) salienta a importância do apelo às emoções – *pathos* – para a eficácia da persuasão, quando integrada às outras duas provas: o *logos* e o *ethos*.

Grize (1990, 2004), em seus estudos a partir da Lógica Natural, considera que toda atividade discursiva remete a uma esquematização, ou seja, a uma representação parcial/seletiva de uma realidade. Ainda, quando da construção dessa esquematização, aquele que a produz o faz em função daquele para o qual o discurso se dirige. Contudo, a questão das emoções não é por ele relevada.

Já numa vertente linguística, Plantin (2004, 2011), ao retomar os estudos sobre a argumentação, enfatiza o seu caráter dialogal e interacional, pressupondo o embate de discursos divergentes. Consequentemente, reforça a ideia de que não se pode defender um ponto de vista sem que o afeto/a emoção esteja presente.

Numa perspectiva mais textual-discursiva, devem ser ressaltados os trabalhos de Adam (2001, 2016) sobre a importância do *pathos* e do *ethos* para a construção enunciativa de textos. Contudo, observamos que, no que tange em especial à noção de *pathos*, esta não está relacionada nem às paixões (aristotélicas), nem aos afetos (também considerados por Plantin).

Com isso, a partir desse percurso histórico que percorreu várias abordagens teóricas, observamos que um aspecto nos parece fundamental quando do estudo da noção de *pathos*: a importância das “representações” que se tem da emoção do outro para a construção argumentativa de textos escritos e orais. Essas representações, oriundas de “esquematizações seletivas”, são materializadas por escolhas linguísticas (plurissemióticas) que são feitas quando da produção de textos. Através destas, evidentemente, podem ser utilizados recursos verbais ou não verbais (sintagmas nominais/verbais; expressões qualificadoras; marcadores agentivos) que podem vir a traduzir mais/menos emoção ou mais/menos afeto. Com isso, o teor persuasivo dos textos pode vir a sofrer variações, no intuito de atingir determinada visada argumentativa. Evidenciamos, com isso “o lugar do sensível na argumentação”, como postulam Micheli, Hekmat e Rabatel (2013), enfatizando a relevância da dimensão empática das emoções para a construção argumentativa de textos/discursos.

3 DINÂMICA DAS EMOÇÕES E PONTO DE VISTA

Apoiando-nos em Rabatel (2013b), tratamos a emoção de modo englobante como categoria que abarca noções conexas como humor, afetos, valores e sentimentos. Essa visão integradora da emoção possibilita situar *o lugar do sensível na argumentação*, sendo a emoção vista não simplesmente como recurso, mas como constitutiva da própria argumentação. Como não poderia deixar de ser, a discussão sobre o sensível evoca a dimensão subjetiva da argumentação que é inescapável ao jogo de vozes que a constitui. Daí a necessidade de considerar não apenas os raciocínios esquematicamente construídos, mas sobretudo as *instâncias subjetivas* que, de modo sensível e empático, os constroem mobilizando emoções. Colocar em evidência essas instâncias é também pensar no

modo como estas mobilizam emoções e recursos linguísticos para argumentar, assumindo posição no discurso em relação ao outro e imputando-lhe emoções.

Por essa dinâmica enunciativa podemos dizer, em consonância com Rabatel (2017, p. 332), que são diversos *os modos de semiotização das emoções* “auto ou heteroatribuídas” e “auto e heteroimplícitas”. De acordo com o autor, é possível tratar as emoções como estratégias previamente bem calculadas que indicam a forma como “o sujeito argumenta, controla seu dizer, organiza seu discurso, solicita o acordo dos destinatários diretos e indiretos”.

No quadro de uma abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista, é possível tratar da *dinâmica empática das emoções* em contexto argumentativo, explícito ou implícito.² A noção de ponto de vista, indo além dos estudos sobre a focalização narrativa, põe em evidência a complexidade das relações entre as instâncias que povoam e perspectivam o discurso. Tradicionalmente associado ao estudo da prosa romanesca desde o século XIX, a problemática do ponto de vista consagrou-se pela preocupação com a gestão das informações narrativas, nas quais se destaca a abordagem estruturalista genettiana de foco narrativo. Contudo, no nível textual-discursivo, em uma dimensão interacional e argumentativa, o ponto de vista não se limita à expressão da vida psíquica dos personagens. É, ao contrário, como postula Rabatel (2008), uma “forma indireta de argumentação”, evidenciando um “fazer ver” e um “fazer saber” no discurso que orientam a construção do sentido.

Como uma noção no intercâmbio entre estudos linguísticos e literários, o ponto de vista pode ser estudado não apenas enquanto perspectivação na narrativa literária (por uma reinterpretação da noção de foco narrativo), mas também como um mecanismo de expressão da subjetividade, que se processa enquanto heterogeneidade enunciativa em diferentes gêneros do discurso. Esse deslocamento possibilita a análise textual-discursiva do ponto de vista (PDV), orientada fundamentalmente pela compreensão de que o PDV consiste na maneira como *um sujeito apreende um objeto de discurso na relação com outros enunciadore*s. Essa abordagem enunciativo-interacional do PDV põe em evidência a relação *sujeito enunciador e objeto de conhecimento*, particularizando no discurso uma ancoragem social, histórica e axiológica do conteúdo interpretado, que é inescapável à interferência do outro.

Essa relação sujeito-objeto-sujeito manifesta-se no texto/discurso por meio das falas, pensamentos, percepções, sentimentos e ações representadas. Essa representação pode ser assumida, quer dizer, de responsabilização³ do locutor/enunciador primeiro, encarregado de gerenciar as informações no discurso, ou ser atribuída (imputação) por ele a outros enunciadores, que nem sempre são autorizados a falar. Essa abordagem considera que mesmo as “frases sem fala” (quando não há asserção ou fala explícita) permitem a expressão de um PDV, ou seja: ainda que as instâncias não falem, elas podem ter seu PDV representado pelo locutor/enunciador primeiro.

A disjunção locutor/enunciador (cf. DUCROT, 1984) é, então, um instrumento de grande utilidade “[...] para a análise de todas as situações dialógicas em que o locutor se empenha em fazer eco à subjetividade de outro, sem que aquele seja autorizado a falar [...]” (RABATEL, 2008,

² Esse entendimento do que é explícita ou implicitamente argumentativo é tratado por Rabatel (2017, p. 27), respectivamente como *argumentação direta e argumentação indireta*. A direta realiza-se por meio de argumentos, conectores, enquanto que a indireta dá-se por meio de “inferências a partir da construção dos objetos de discurso”, em que se argumenta sem que se pareça argumentativo. Tal entendimento corrobora a distinção entre visada argumentativa e dimensão argumentativa proposta por Amossy (2006).

³ Na tradução do artigo de Alain Rabatel, “Les apports de l’analyse des discours médiatiques: de l’interprétation des données à la critique des pratiques discursives et sociales”, Cortez, Pinto e Teixeira (2016) traduziram “prise en charge” por responsabilização. A tradução do artigo de Rabatel foi publicada na *Revista Investigações*, 2016, v.29, n.2

p. 402).⁴ Consequentemente, *a análise do PDV põe em foco a natureza das relações que o locutor nutre com diferentes enunciadores*, o que lhe permite marcar posição no discurso, construindo seu PDV em meio a outros.

3.1 EMOÇÕES EMPATICAMENTE REPRESENTADAS EM CONTEXTO ARGUMENTATIVO

É por meio da dinâmica da representação dos pontos de vista, que podemos falar de empatia em contexto argumentativo direto e indireto ou, conforme a visão de Amossy (2006): visada argumentativa e dimensão argumentativa.⁵ Dessa forma, as emoções de um enunciador segundo, as quais instauram sua presença/perspectiva no discurso, podem ser representadas pelo locutor-enunciador primeiro (L1/E1). As emoções não são apenas ditas ou inferidas, mas também representadas, se se considera a dinâmica empática em sua dimensão textual. A dimensão textual da empatia em contexto argumentativo possibilita analisar diferentes marcas que indicam como os referentes são considerados por um enunciador interno, instância empatizante (L1/E1), a qual se coloca no lugar do outro, e2 (empatizado), imaginando como este diz, pensa, percebe, sente e age (RABATEL, 2013a, 2013b, 2017).

Através da empatia, o locutor-enunciador primeiro não exprime diretamente suas emoções, mas invoca, como um mediador, emoções que imputa a um outro. Em outras palavras, L1/E1 trata aquilo de que fala (acontecimento, situação) do ponto de vista de outro enunciador. Dessa forma, a representação das emoções por empatia indica que as emoções, ao invés de serem ditas,⁶ são inferidas através das falas, percepções ou ações do outro (2013b, p. 170). Contudo, essa representação não implica simpatizar-se com o outro, pois a empatia consiste em “colocar-se no lugar do outro, mas sem necessariamente aprovar suas emoções”, segundo Jorland (2004 *apud* Rabatel, 2013a, p. 65). Por isso, tratar a empatia linguística sob a ótica do ponto de vista implica atribuir emoções ao outro sem ser simpático ao que o outro diz. Aquele que fala, colocando-se no lugar do outro, não necessariamente assume a emoção do outro, ao que Rabatel (2013a) chama de “paradoxo emotivo em modo empático”.

Por essa ótica, os pontos de vista são reconstruídos por empatia, configurando a mobilidade empática das emoções, pois, como postula Rabatel (2013b), a emoção de um enunciador segundo é construída empaticamente por L1/E1. Assim, uma fonte não locutora é lugar de emoção, quer dizer, mesmo que um enunciador segundo (e2) não fale, ele tem sua emoção representada, interpretada por L1/E1. Daí a importância da distinção locutor-enunciador, a qual permite explicar, tal como destaca Rabatel (2017), que um locutor pode mostrar uma emoção, que não é sua e que ele imputa a um enunciador segundo não locutor. Essas emoções ditas não são aprovadas nem assumidas por L1/E1, mas apenas reconstruídas empaticamente, pois este fala a partir do ponto de vista deste enunciador segundo. Por isso, o dito e o dizer indicam, “pela escolha dos modos de referência e por inferência”, as emoções do enunciador segundo, as quais Rabatel denomina de “heteroemoção reconstruída empaticamente” (p. 341).

⁴ [...] pour analyse de toutes les situations dialogiques dans lesquelles un locuteur envisage de faire écho à la subjectivité d'autrui sans éprouver nécessairement de la besoin de lui donner la parole [...].

⁵ Para Amossy (2012), o discurso pode ter como objetivo fazer um auditório aderir a uma tese (ter uma visada argumentativa); ou procurar influenciá-lo em sua forma de ver ou de sentir (ter uma dimensão argumentativa).

⁶ Não desaperecebemos do que postula Micheli (2013) sobre a importância da análise conjunta do material verbal e co-verbal (vocal, não verbal, gestual) em uma abordagem global e integrada das emoções. Contudo, dado o recorte teórico-metodológico de nossa análise, focalizaremos as emoções representadas pelo material verbal.

Assim, em consonância com Rabatel (2013b), consideramos a enunciação das emoções e seus *níveis de empatização* (mobilidade empática) como meios retóricos a serviço da argumentação, pois constroem racionalizações internas que, reconstruídas pelo discurso, orientam o raciocínio para a conclusão.

O autor destaca ainda que a forma como construímos o outro em nós ultrapassa a relação por meio do diálogo, da fala, pois o modo como dialogamos com o outro imputando-lhe pontos de vista, fazendo-o não apenas falar, mas também descrevendo-o, percebendo-o e atribuindo-lhe ações é profundamente tributário da representação que fazemos do outro em função da situação na qual o evocamos/convocamos e das tarefas que assumimos nessa situação (RABATEL, 2014).

Considerando que *a empatia se apoia sobre emoções*, passemos, de agora em diante, a analisar a mobilidade empática das emoções em contexto argumentativo específico: o vídeo-manifesto produzido pelo “342 Artes”, movimento de artistas brasileiros contra a censura e a difamação à arte no Brasil. Indagamo-nos, assim, como este tipo de “contágio” emocional pesa sobre a argumentação, constituindo-a, em contexto polêmico; que estratégias e recursos linguísticos se destacam na representação empática das emoções?

4 EMOÇÕES EMPATICAMENTE REPRESENTADAS EM MANIFESTO DO “342 ARTES”

O projeto “342 Artes” surge em resposta ao movimento de censura e difamação à arte no Brasil, após o cancelamento da exposição “Queermuseu” pelo Santander Cultural em Porto Alegre e a polêmica em torno da performance “La Bête” no MAM de São Paulo. Realizado por um representativo grupo de artistas brasileiros, o vídeo “Brasil livre de intolerância” é postado no Facebook em 09/10/2017.

Figura 1 – Imagem inicial do vídeo “Brasil livre de intolerância”



Fonte: <https://www.facebook.com/342artes/>

Figura 2 – Imagem final do vídeo “Brasil livre de intolerância”



Fonte: <https://www.facebook.com/342artes/>

Transcrevemos⁷ abaixo o texto completo do manifesto enunciado no vídeo. Como se pode observar na Figura 1, as falas dos artistas são expressas por escrito à medida em que se fala. Na transcrição abaixo, organizamos os parágrafos conforme a distribuição das falas.

Você tem visto os ataques e as difamações que as expressões artísticas têm sofrido nos últimos dias?

Por que que eles querem a gente sem arte? Qual é a razão disso? Hã? Qual o papo? O presidente está sendo denunciado uma vez atrás da outra. Quando que isso aconteceu na história do Brasil? E aí a gente vai discutir o quê?

Interessa a quem esse horror, essa mentira e esse ódio todo?

Será que essa censura não é uma forma de desviar o foco para o que tá acontecendo agora no congresso nacional? Você, cê sabe o que tá acontecendo agora no congresso?

A indignação das pessoas não tem sido com a mostra que elas não visitaram, nem com a performance que elas não viram.

A política brasileira está imunda e está querendo usar a cultura como cortina de fumaça para distrair a sua atenção.

A atual polêmica em torno da arte é produto de moralismo estratégico, oportunista e eleitoreiro.

Um país sem arte...

É um país sem voz.

Não vamos nos deixar enganar. Não vamos nos intimidar com ódio.

Não vamos mais tolerar os intolerantes.

Esse discurso da pedofilia é mentiroso.

Porque é muito claro que nessas expressões artísticas não há pedofilia.

Você sabia que o Crivela mentiu pra você?

Recentemente o prefeito do Rio condenou e suspendeu a vinda da mostra Queermuseu para o MAR.

Ninguém é obrigado a ir ao museu, mas nós não devemos proibir que eles existam.

⁷ Agradecemos a Aída Lima Aloise, aluna do curso de Letras Licenciatura em Português da UFPE, que gentilmente realizou a transcrição do vídeo.

*Eu quero o Queermuseu no Rio.
Não querem deixar a gente falar.
Não querem deixar você pensar, e mais do que isso...
Eles querem se aproveitar de um moralismo barato para atingir os seus próprios interesses.
Censura, fundamentalismo, moralismo? Em que ano nós estamos? 2017?
O que é inacreditável pra mim é que a gente esteja precisando discutir no século XXI censura às artes.
O que nós estamos vivendo é um processo de criminalização da produção artística.
A liberdade de expressão, de informação, de criação artística, são direitos fundamentais e deveriam ser respeitados e exercidos por todos os cidadãos.
O verdadeiro crime é a difamação. Isso é um crime.
As novelas daqui a pouco vão ser controladas, o conteúdo que tá sendo veiculado nos filmes, nas letras de música.
Diga não à censura e defenda a sua possibilidade, inclusive, de discordar.
É proibido proibir.
Somos divertidos, somos palhaços, somos bailarinos, somos músicos, cantamos, dançamos, no teatro, na rua, mas não somos fracos. Juntos, somos mais fortes ainda.
Então, nós estamos aqui para combater o discurso de ódio, o discurso da intolerância e gente que se utiliza da intolerância para esconder os graves problemas desse país.
342 Artes, contra a censura e a difamação.
Contra a censura e difamação.
Contra a censura e difamação.
Contra a censura e difamação.
342 Artes...
Contra a censura e difamação.
Porque a arte é uma forma de liberdade.
Arte não é pedofilia*

Embora o conteúdo do manifesto “Artes 342” seja proferido por atores diferentes, como em uma espécie de jogral, que situa locutores diversos, manteremos na análise a designação L1/E1 para indicar a voz do projeto “342 Artes”. Assim, mesmo que as falas sejam ditas por diferentes locutores, estes apontam para um locutor coletivo, o projeto, que representa o movimento do artistas.

Na trama enunciativa instalada no vídeo, identificamos, além de L1/E1 outros enunciadores com os quais este enunciador principal dialoga construindo empaticamente emoções argumentadas. A tensão que caracteriza a polêmica coloca estes enunciadores, “ausentes”, em lugares distintos em relação à L1/E1, havendo, portanto, dois grupos de enunciadores, que aqui denominamos de: i) *enunciadores interlocutores* – destinatários diretos do vídeo, a quem os artistas conclamam e tentam persuadir e ii) *enunciadores opositores ou adversários* – destinatários indiretos, alvo da crítica.

Estes enunciadores adversários são os intolerantes, identificados no manifesto pelas seguintes marcas: i) pronome pessoal de 3ª pessoa do plural “eles” / “elas” e sua elipse, ii) sintagmas nominais “a política brasileira”, “os políticos” e “o prefeito do Rio” – expressões que já remetem, no âmbito social, a uma valoração depreciativa. Essas formas linguísticas referem-se, portanto, aos enunciadores adversários, identificando-os como instâncias subjetivas cuja emoção é empaticamente

representada. Dessa forma, os verbos e locuções verbais que atribuem percepção/sentimento têm papel fundamental (por afirmação ou negação) para a representação empática, tal como podemos observar nestas passagens: “eles *querem* a gente sem arte?”, “*não querem deixar* a gente falar”, “*não querem deixar* você pensar”, “eles *querem se aproveitar* de um moralismo barato para atingir seus próprios interesses”. A recorrência do “querer” / “não querer”, atribuída ao adversário neste contexto contribui para ancorar o seu ponto de vista sob a ótica de L1/E1, o que se faz de modo empático. Ao colocar-se no lugar do outro, L1/E1 representa sua emoção ao mesmo tempo em que apela para o sensível, alertando: *ficaremos sem arte, não poderemos falar, nos expressar, pensar; seremos alvo de oportunismo e interesse; estamos sendo utilizados.*

Rabatel (2017, p. 34) esclarece que a reação emocionada de L1/E1 é proporcional ao poder de nutrir enunciadores segundos adversários em seu discurso. Por isso, são diversos os modos de semiotização das emoções – marcas e indícios verbais – que apontam para processos interpretativos diversos da análise das emoções argumentadas. Esses processos dão relevância a inferir outras emoções e não apenas aquelas que são ditas. Daí a importância dos verbos na interpretação das emoções. Verbos de ação e de dizer também assumem função importante nesse contexto, imputando pontos de vista aos enunciadores adversários: “gente que *se utiliza dessa intolerância* para esconder os graves problemas desse país”, “elas *não viram* a performance”, “elas *não visitaram* a mostra”, “A política brasileira está imunda e está *querendo usar* a cultura como cortina de fumaça”, “o prefeito do Rio *condenou e suspendeu* a vinda da mostra Queermuseu para o MAR”, “o Crivela *mentiu* pra você”. Essa atribuição, no contexto das emoções, polariza os enunciadores: de um lado, reforça o sentimento de injustiça e discriminação vivido pelos artistas; de outro, revela e destaca o caráter autoritário e irracional do dizer, ação e percepção do adversário que *condena, mente*, emitindo juízo de valor sem ter visitado a exposição (“produto de moralismo estratégico, oportunista e eleitoreiro”). Assim, ao dizer que “Crivela mentiu”, L1/E1 reinterpreta a emoção do adversário, colocando-lhe em uma outra posição: não a de vítima, ofendida e chocada pelo teor das obras expostas, mas a de estrategista e autoritário. Pela mobilidade empática, L1/E1 reconfigura o lugar do sensível em relação ao opositor.

O lugar do sensível nesse contexto de embate também se revela pela relação que L1/E1 estabelece com o enunciador interlocutor. Visando a persuadir e a chamar atenção deste destinatário direto, L1/E1 representa empaticamente emoções, mobilizando o sensível através do pronome “você” associado a verbos que exprimem percepção, saber e ação (“ver”, “distrair”, “saber”, “pensar”), atribuídos ao interlocutor: “*Você tem visto* os ataques e as difamações que as expressões artísticas têm sofrido nos últimos dias?”, “A política brasileira está imunda e está querendo usar a cultura como cortina de fumaça para *distrair* sua atenção”, “*Você, cê sabe* o que tá acontecendo agora no congresso?”, “*você sabia* que o Crivela *mentiu para você?*” e “*não querem deixar você pensar*”. O uso do pronome possessivo “sua” nas expressões “*sua* atenção” e “*sua* possibilidade de discordar” (abaixo) também jogam com o sensível, realçando, através do semantismo do pronome, o comprometimento do destinatário – este que, segundo L1/E1, corre o risco de ser censurado. Soma-se a esta convocação, o uso de verbos no imperativo em: “*diga* não à censura e *defenda* a sua possibilidade inclusive de discordar”. Todos os recursos utilizados servem como uma espécie de “grito de alerta” para que o destinatário direto se dê conta do que está realmente acontecendo no país.

Outro modo, muito particular de mobilizar o sensível, neste contexto, e representar empaticamente as emoções é recorrer àquilo que o interlocutor aprecia no campo da emoção. Neste caso, L1/E1 apela para aquilo que tem grande valor em matéria de vivência da emoção e sensibilidade: as novelas brasileiras. Na passagem: “As novelas daqui a pouco vão ser controladas, o

conteúdo que tá sendo veiculado nos filmes, nas letras de música.”, L1/E1 recorre à preferência do grande público, ao colocar as novelas em primeiro lugar, na sequência de argumentos envolvendo a produção artística.

Essas emoções “heteroatribuídas” na direção dos destinatários diretos e indiretos dividem espaço com emoções “autoatribuídas” por L1/E1. Novamente, os verbos têm papel importante neste contexto; verbos que, por afirmação ou negação, indicam sentimento, desejo, ação e percepção do locutor, tal como pode ser observado nestas passagens: “Eu *quero* o Queermuseu no Rio.”, “Não vamos nos deixar *enganar*. Não vamos nos *intimidar* com ódio.” e “Não vamos mais *tolerar* os intolerantes.”. Estas emoções têm impacto refrativo na tessitura da argumentação, pois, além de serem autoatribuídas, são “heteroimplícitas” (Cf. RABATEL, 2017). Ao negar que será *intimidado com ódio* e *enganado* pelo adversário, L1/E1 deixa implícito por essa recusa que o enunciador adversário vem agindo de forma a “intimidar” e “enganar” (a classe artística, a sociedade). Imputando esta fragilidade ao adversário, L1/E1 se fortalece mobilizando o sensível, ao colocar-se na posição de vítima que reage.

Por esse caráter dual, a negação desempenha papel relevante para representar emoções, autoatribuídas e heteroimplícitas, ao mesmo tempo em que reforça a postura de defesa do locutor, o que é típico da polêmica ou da argumentação em contexto conflitual. São muitos os exemplos de negação com esse caráter dual: “nessas expressões artísticas *não há pedofilia*” (*estão dizendo que é pedofilia*); “ninguém é obrigado a ir ao museu, mas *não* devemos proibir que eles existam” (*estão proibindo/interditando museus*); “*não* somos fracos, juntos somos mais fortes ainda” (*estão dizendo/acham que somos fracos e não temos força*); “arte *não* é pedofilia” (*estão dizendo/acham que arte é pedofilia*). Assim, podemos dizer que a própria expressão/representação da emoção de L1/E1 passa necessariamente por empatia.

Esse duplo aspecto da emoção empatizada em direção a si e ao outro também pode ser observado neste contexto por outros recursos de semiotização das emoções: a introdução referencial, a anáfora e a predicação. A introdução referencial e a anáfora, como processos referenciais, realizam-se, nesse contexto, por meio de sintagmas nominais,⁸ que revelam a responsabilização de L1/E1 sobre o objeto de discurso, indicando seu PDV. Os sintagmas nominais, seja por meio da introdução ou da retomada do referente, desempenham papel relevante na representação de emoções autoatribuídas e heteroimplícitas. Nas passagens a seguir, destacamos os sintagmas nominais em itálico e emoções entre parênteses: “Você tem visto *os ataques e as difamações que as expressões artísticas têm sofrido* nos últimos dias?” (eles nos difamam e atacam; estamos sofrendo); “Interessa a quem *esse horror, essa mentira e esse ódio todo*?” (eles disseminam horror, ódio e mentem; estamos estarecidos e questionamos), “Será que *essa censura* não é uma forma de desviar o foco[...]?” (eles estão nos censurando), “*A indignação das pessoas* não tem sido com a mostra que elas não visitaram” (as pessoas estão indignadas; disseminam e estimulam indignação contra nós), “*Esse discurso da pedofilia* é mentiroso.” (eles estão dizendo que é pedofilia; estamos sendo acusados de pedófilos) e “[...] nós estamos aqui para combater *o discurso de ódio, o discurso da intolerância* [...]” (eles disseminam ódio e intolerância; somos excluídos e odiados). Destaca-se ainda o papel da modalização epistêmica na representação de emoções em direção a si e ao outro

⁸ Para Koch (2002), os sintagmas nominais, também considerados grupos nominais ou expressões nominais referenciais, são constituídos minimamente de determinante (artigo e pronomes demonstrativos) e nome-núcleo (substantivo), que podem ser acompanhados de modificadores (adjetivos e orações adjetivas).

neste trecho enunciado pelo cantor Caetano Veloso:⁹ “é *inacreditável* para mim que a gente esteja precisando discutir no século XXI censura às artes”.

A predicação, por sua vez, é identificada pelo uso da proposição “Tal coisa é x”, em que o verbo “ser”, ao predicar atributos ao referente, evidencia o PDV de L1/E1 sobre o objeto de discurso e revela implicitamente o PDV do adversário por mobilidade empática. Isto é o que ocorre nas passagens abaixo, nas quais marcamos em itálico os atributos conferidos ao referente e, entre parênteses, o PDV do adversário: “A atual polêmica em torno da arte é *produto de moralismo estratégico, oportunista e eleitoreiro*” (eles agem de forma oportunista e eleitoreira, por isso o escândalo em torno da exposição), “esse discurso da pedofilia é *mentiroso*” (se fazem de vítima, mas estão mentindo, enganando); “o que nós estamos vivendo é *um processo de criminalização da produção artística*” (eles estão criminalizando a arte); “o verdadeiro crime é *a difamação*, isso é *um crime*” (fazem-se de vítima, mas não têm moral, porque agem de forma criminosa, difamando). Esse raciocínio empático e emocionado dá sustento ao argumento final do manifesto, orientado pela defesa da arte como forma de liberdade, como evidencia a última passagem do texto: “342 Artes... Contra a censura e difamação. Porque a arte é *uma forma de liberdade*. Arte não é pedofilia.”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as emoções autoatribuídas ou heteroatribuídas semiotizadas linguisticamente de forma implícita ou não, desencadeadas por L1E1 e pelas representações dos diversos PDVs dele oriundos, demarcam a empatia e corroboraram para a construção argumentativa do texto. Na verdade, a *visada argumentativa* deste é denunciar a discriminação vigente ao mundo das Artes, inescapável ao contexto político-social. Para tal, os diferentes recursos linguísticos utilizados desempenham papel fundamental na argumentação: fazer com que os ouvintes/leitores reflitam, sensibilizem-se e cheguem às suas próprias conclusões sobre o que está acontecendo no país. Além disso, vale ratificar que é através também da *dimensão argumentativa* do texto que se constrói o que aqui denominamos *argumentação emocionada*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J. M. Images de soi et schématisation de l'orateur: pétain et de gaulle en juin 1940. In: AMOSSY, R. (Org.). *Images de soi dans le discours*. La construction de l'ethos. Lausanne/Paris: Delachaux et Niestlé, 1999. p. 101-126.
- ADAM, J. M. *Les textes: types et prototypes*. 4. ed. Paris: A. Colin, 2016.
- AMOSSY, R. *L'Argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2012.
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- ARISTOTE. *Rhétorique* Livres I et II. Introduction de Michel Meyer. Livre de Poche. Paris, 1991.
- DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. p. 171-233.
- GRIZE, J. B. *Logique et Langage*. Paris: Ophrys, 1990.

⁹ O cantor foi impedido de realizar show no dia 30 de outubro de 2017 na Ocupação Povo Sem Medo, do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, por conta de decisão da juíza Ida Inês Del Cid, da 2ª Vara da Fazenda Pública de São Bernardo do Campo, em São Paulo.

- GRIZE, J. B. Le point de vue de la logique naturelle: démontrer, prouver, argumentar. In: DOURY, M. ; MOIRAND, S. (Org.). *L'argumentation aujourd'hui : Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004. p. 35-44.
- KOCH, I. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MICHELI, R.; HEKMAT, I.; RABATEL, A. Les émotions: des modes de sémiotisation aux fonctions argumentatives. *Semen*, v. 35, p. 7-16, 2013.
- MICHELI, R. Modos de semiotização e função argumentativa das emoções. *Semen*, v. 35, 2013.
- PERELMAN, C. *L'Empire Rhétorique: rhétorique et argumentation*. 3. ed. Paris: J. Vrin, 1997.
- PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Traité de l'Argumentation: la nouvelle rhétorique*. 5. ed. Bruxelles: Université de Bruxelles, 1988.
- PLANTIN, C. *Ad passiones*. Affects et logique dans l'argumentation. In: MARQUES, M. A. et al. (Org.). *Práticas de Investigação em Análise do Discurso: Actas do II Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, p. 163-179, 2004.
- PLANTIN, C. *Les bonnes raisons des émotions: principes et méthode pour l'étude du discours émotionné*. Berne: Peter Lang, 2011.
- RABATEL, A. *Homo narrans. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Tome 2. Dialogisme et polyphonie dans le récit*. Limoges: Editions Lambert Lucas, 2008.
- RABATEL, A. Écrire les émotions en mode empathique. v. *Semen*, 35, p. 65-82, 2013a.
- RABATEL, A. Empathie et émotions argumentées en discours. *Le discours et la langue*, v. 4. 1, p. 159-178, 2013b.
- RABATEL, A. Empathie, points de vue, méta-représentation et dimension cognitive du dialogisme. *Études de Linguistique Appliquée*, v. 173, p. 27-45, 2014.
- RABATEL, A. Les stratégies émotives d'un repentir public offensif. In: RABATEL, A. *Pour une lecture linguistique et critique des medias: empathie, éthique et point(s) de vue*. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.